



A EDUCAÇÃO SEXUAL COMO UMA POTENCIAL FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA E INCLUSÃO DAS PESSOAS LGBTQIAPN+ NOS ESPAÇOS ESCOLARES.

Eixo Temático EIXO 15 GÊNERO E SEXUALIDADES NO CONTEXTO ESCOLAR COMO RESISTÊNCIAS INVENTIVAS: O QUE PODE O “CHÃO DA ESCOLA”?

Erlania Oliveira Rocha¹
Talamira Taita Rodrigues Brito²
Elane Oliveira Rocha³

RESUMO

Discussões em torno da importância da inclusão e do respeito às pessoas em suas diferentes experiências com o corpo e sua sexualidade, nas escolas de educação básica, tem acontecido frequentemente, assim como a busca por metodologias de ensino que promovam qualidade no debate nas escolas. A disciplina Educação Sexual, mesmo com suas ementas médico-higienistas, pode ser trabalhada na perspectiva de promover outras formas de pensar sobre as questões suscitadas por ela. O relato de experiência proposto tem como objetivo apresentar as possibilidades encontradas, ao desenvolver uma sequência didática cujo propósito foi analisar as percepções de estudantes do 8º e 9º ano sobre pessoas LGBTQIAPN+ e suas ideias sobre “respeito” e “inclusão” em relação a essa população que é possuidora dos mesmos direitos que as demais. A ação foi realizada em uma escola Municipal da Bahia, na primeira unidade do ano letivo de 2024, com o tema Respeito e inclusão da pessoa LGBTQIAPN+ na escola. Organizamos em três momentos, o primeiro foi diagnóstico, visando entender os conceitos de respeito e inclusão trazidos pelos estudantes; no segundo ocorreu a inclusão dos conceitos já relacionados às questões de gênero e sexualidade e no terceiro houve a produção de materiais e escutas. Como recursos, fizemos uso do documentário *Depois da Tempestade*, textos e vídeos. No final de cada sequência, realizamos discussões em torno das temáticas, compartilhando percepções e escritas. No término da tarefa, foi proposta uma redação, onde foi possível identificar trechos que remetem às nossas discussões em sala de aula durante a ação. Diante dos resultados, afirmamos que a sequência didática realizada na disciplina de Educação Sexual, nos demonstrou ser uma potente para qualificar o ensino do componente, superando a perspectiva conservadora que historicamente de sua oferta. Podemos, como professores, oportunizar reflexões sobre tabus, preconceitos e limitações conceituais com as quais lidamos e dialogamos com as diferenças.

¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Membro do Grupo de Pesquisa Impressões, erlania.rocha@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia; Professora do Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Formação de Professores. Líder CNPq do Grupo de Pesquisa Impressões, talamira@uesb.edu.br

³ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores - PPG ECFP, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Tendências da Educação Matemática e Cultura - GEPTeMaC, oliveiraelane241@gmail.com



Palavras-chave: Sequência Didática, Educação Sexual, Anos Finais, Resistência, Inclusão.

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo diverso, onde cada indivíduo tem suas particularidades, crenças, experiências e formas de perceber o externo. Dentro dessas especificidades, destacamos neste estudo, aqueles que não se enquadram nos padrões ditados pela sociedade, tanto em relação a sua identidade de gênero como também no que diz a respeito de sua orientação sexual, e em razão dessas condições, esse grupo é constantemente atacado por aqueles que não aceitam suas diferenças.

O Brasil está entre os países que mais matam pessoas LGBTQIAPN+, os índices de violência no nosso país são alarmantes e apontam um cenário de vulnerabilidade, tornando-se um dos países mais perigosos para pessoas trans e travestis no mundo. De acordo com as informações fornecidas pelo site Fundo Brasil. De acordo com o relatório Mundial da Transgender Europe demonstram que ao analisar os dados de 2016 e 2017 dos 325 assassinatos de transgeneros 52% ou seja 171 destes casos ocorreram no Brasil (Fundo Brasil, 2021).

Discussões em torno da importância da inclusão e do respeito às pessoas em suas diferentes experiências com o corpo e sua sexualidade, nas escolas de educação básica, tem acontecido frequentemente, assim como a busca por metodologias de ensino que promovam qualidade no debate nas escolas.

Na escola (mas não apenas nela), as identidades sexuais e de gênero estão sendo constantemente produzidas. As instituições públicas e as mais diversas mídias também estão impregnadas (e são produtoras) de representações acerca das sexualidades e dos gêneros. A escola lida, o tempo todo, tanto com facetas mais conservadoras e moralistas da sociedade quanto com as suas vanguardas transgressoras (Furlani, 2008, p. 307).

A disciplina Educação Sexual, mesmo com suas ementas médico-higienistas, pode ser trabalhada na perspectiva de promover outras formas de pensar sobre as questões suscitadas por ela. No entanto, em alguns ambientes educacionais, ela ainda se encontra restrita a algumas discussões dominadas por opiniões conservadoras.



A Educação Sexual sempre se constituiu numa questão polêmica no espaço escolar, e por largo tempo os currículos escolares mantiveram-se distantes dessa discussão explicitamente. Por isso, é possível pensar nela como um campo de conhecimento em que, historicamente, tem prevalecido o conveniente silenciamento, a estratégica restrição temática, o privilegiamento do senso comum, a manutenção do preconceito e da intolerância, a possível falta de preparo pedagógico das(os) educadoras(es) e o sutil descaso por parte da Escola e das políticas educacionais (Furlani, 2008, p. 287).

Entendemos que é importante levar discussões relacionadas a outras temáticas que atravessam a Educação Sexual, como por exemplo sobre a comunidade LGBTQIAPN+ e os aspectos que a envolvem, uma vez que, trata-se de pessoas, que estão em constante vulnerabilidade às diversas formas de violências e a exclusão social.

Este relato de experiência proposto teve como objetivo apresentar as possibilidades encontradas, ao desenvolver uma sequência didática cujo propósito foi analisar as percepções de estudantes do 8º e 9º ano sobre pessoas LGBTQIAPN+ e suas ideias sobre “respeito” e “inclusão” em relação a essa população.

Para isso utilizamos os princípios das metodologias ativas que tem como fundamento desenvolver habilidades nos estudantes ao trazer o protagonismo dos alunos, trabalhando sua autonomia de pesquisa na construção do seu conhecimento, incentivando a uma participação ativa, crítica e reflexiva na construção do conhecimento. De acordo com Lovato *et al* (2018), as metodologias ativas atuam como ferramentas alternativas que podem nos proporcionar uma prática mais atrativa, despertando o interesse dos estudantes na construção do seu próprio saber.

A ação foi realizada em uma escola Municipal da Bahia, na primeira unidade do ano letivo de 2024, com o tema Respeito e Inclusão da pessoa LGBTQIAPN+ na escola. Organizados em três momentos, onde o primeiro foi diagnóstico, visando entender os conceitos de respeito e inclusão trazidos pelos estudantes, enquanto o segundo ocorreu a inclusão dos conceitos já relacionados às questões de gênero e sexualidade, o terceiro a produção de materiais através da leitura de texto, pesquisas, documentários *Depois da Tempestade*, e escutas durante a aula ou ao final de cada sequência às discussões em torno das temáticas, compartilhando assim suas percepções e escritas, por fim, propomos uma redação.



Esta redação nos permitiu uma produção de informações onde conseguimos identificar trechos que remetem às nossas discussões em sala de aula durante a ação. Para identificar as falas selecionadas das redações faremos uso código alfanumérico (R1, R2, etc.), garantindo assim o anonimato dos autores.

PERCEPÇÕES: OS TEMAS QUE MAIS SENSIBILIZARAM

Ao realizar a correção das redações propostas na avaliação da unidade, foi observado que cerca de 40% não escreveu a redação, mas os que se permitiram desenvolver demonstraram em sua escrita que houve uma sensibilização em relação aos assuntos trabalhados durante a ação já que em sua grande maioria traziam falas que remeteram aos assuntos trabalhados durante a ação.

Foi possível identificar que a maior parte deles enfatizaram o preconceito e bullying sofrido por estas pessoas, conforme aponta a fala de R1:

“ Eu sei que eles sofrem bastante bullying, abuso sexual , apanham e entre outras coisas terríveis (...)”

Também tivemos comentários direcionadas às dificuldades enfrentadas pela comunidade LGBTQIAPN+ e os direitos que esse grupo já conquistaram, destacamos aqui a fala de R2 e R3:

R2: “Eu sei que eles(as) sofrem preconceito por causa do seu gênero, a maioria delas não tem emprego decente por discriminação. E, para ter seus direitos, eles(as) têm que lutar para conseguir, alguns eles(as) já conseguiram como: ter casamento LGBTQIA + pois antes não podiam. Também sei que por medo de ser rejeitado ou abandonado alguns preferem não falar seu gênero. ”

R3: “transexuais autorizados a utilizar banheiro, vestiários e demais espaços segregados por gênero; criança intersexo protegidas contra procedimentos cirúrgicos invasivos.”

Nas falas também foi possível identificar algumas confusões quanto ao uso de alguns conceitos, como o de gênero e sexualidade, conforme identificamos na fala de R4 e R5:

“(...) são pessoas normais igual a todos, só querem se tornar de outro gênero ou outra sexualidade, (...)”



“A gente não pode condenar ninguém porque a escolha foram deles a sexualidade e deles (...)”

Compreende-se nesta fala que o R 4 e 5 descreve a formação da identidade sexual e de gênero de uma pessoa como se o mesmo pudesse escolher estas características, mas de acordo com a comunidade científica e especialistas em sexualidade humana em sua maioria predominante defendem que a sexualidade não é uma escolha consciente, mas sim uma característica intrínseca de cada pessoa, sendo moldada por interação de fatores. (Cruz; Costa, 2019)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sequência didática intitulada Respeito e Inclusão da pessoa LGBTQIA+ nas escolas, demonstrou a importância das metodologias ativas na formação psicossocial dos estudantes, a medida em que esta permite um trabalhar a autonomia, reforçando o protagonismo do estudante na construção do seu conhecimento e do senso crítico de justiça e respeito.

As sugestões é que este trabalho possa ser ampliado em nível de rede assim como a temática, mas para formação dos professores, tendo em vista que existem ainda muita resistência de se trabalhar com esta temática.

Diante dos resultados, afirmamos que a sequência didática realizada na disciplina de Educação Sexual, nos demonstrou que pode protagonizar como meio potente para qualificar o ensino do componente, superando a perspectiva conservadora que historicamente é ofertada. Podemos, como professores, oportunizar reflexões sobre tabus, preconceitos e limitações conceituais com as quais lidamos e dialogamos com as diferenças.

REFERÊNCIAS

FURLANI, Jimena. Educação Sexual — quando a articulação de múltiplos discursos possibilita sua inclusão curricular. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 26, n. 1, 283-317, 2008.



A LGBTFobia no Brasil: os números, a violência e a criminalização. In: **FUNDO BRASIL**. [São Paulo, 2021]. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/a-lgbtfofia-no-brasil-os-numeros-a-violencia-e-a-criminalizacao/> Acesso em: 20 abr. 2025.

LOVATO, Fabricio Luís; MICHELOTTI, Angela; SILVA, Cristiane Brandão da; LORETTO, Elgion Lucio da Silva. Metodologias Ativas de Aprendizagem: uma Breve Revisão. *Acta Scientiae*, Canoas, v.20, n.2, 154-171, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/acta/article/viewFile/3690/2967>. Acesso em: 25 mai. 2025.

CRUZ, Ruleandson do Carmo; COSTA, Larissa. UFMG. Orientação sexual não é uma escolha, afirma pesquisador da UFMG. 2019. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/orientacao-sexual-nao-e-uma-escolha-afirma-pesquisador-da-ufmg>. Acesso em: 26 abr. 2025.